ASSOCIAÇÃO FILATÉLICA E NUMISMÁTICA DE SANTA CATARINA

ELVIS PRESLEY FOREVER

BOLETIM INFORMATIVO Nº 70

NOVEMBRO DE 2015

ASSOCIAÇÃO FILATÉLICA E NUMISMÁTICA
DE SANTA CATARINA

Rua dos Ilhéus, 118 sobreloja 9 - Ed. Jorge Daux
CEP 88.010-560 - Florianópolis - SC

Caixa postal 229 - CEP 88.010-970

A **AFSC**, fundada em 6/8/1938, é uma Entidade sem fins lucrativos, reconhecida de Utilidade Pública pela Lei Estadual 542 de 24/9/1951 e pela Lei Municipal 970 de 20/8/1970.

DIRETORIA eleita em julho de 2015 para o período de agosto/2015 a agosto/2016:

Presidente:	Luis Claudio Fritzen
Vice-presidente:	Demétrio Delizoicov Neto
Primeiro secretário:	Ernani Santos Rebello
Segundo secretário:	Hugo Nestor Ciavattini
Primeira tesoureira:	Lucia de Oliveira Milazzo
Segundo tesoureiro:	Victor Emanuel Carlson
Diretor de Sede:	Romeu Odilo Trauer

Conselho fiscal:

Fred Siqueira Campos	Cezar Augusto M. Bolzan (Suplente)
Juliano Natal	Paulo Cesar da Silva (Suplente)
Rubens Moser	Vitor Charles Capistrano (Suplente)

A AFSC desenvolve um importante trabalho de divulgação do colecionismo em geral, além da edição deste Boletim - Santa Catarina Filatélica. Anualmente, realiza, no mês de agosto - mês do seu aniversário de Fundação -, o tradicional Encontro de Colecionadores. Todas as publicações e convites para realizações da AFSC são enviados aos associados, Clubes e Associações congêneres. Há também uma biblioteca especializada à disposição dos associados na Sede da AFSC.

Para suporte aos dispêndios decorrentes das atividades referidas, a AFSC depende principalmente da arrecadação das anuidades pagas por seus associados, que podem ser das seguintes categorias e valores, válidos a partir de janeiro de 2016:

Efetivos - residentes em Florianópolis, com idade a partir de 18 anos	R$100,00
Juvenis - com idade inferior a 18 anos	R$20,00
Correspondentes no Brasil - residentes fora de Florianópolis	R$40,00
Correspondentes no Exterior - residentes fora do Brasil	US$ 35,00

Associe-se!

Envie-nos cópia preenchida da ficha para associação, encontrada em nosso site na internet:

www.afsc.org.br

PALAVRAS DO PRESIDENTE

É importante lembrar, quando falamos sobre colecionismo, o que ele representa para o grupo social em que vivemos. Entendemos que divulgar textos e estudos relativos às várias formas de colecionar é mais do que um simples ato consequente de uma discussão. Trata-se de uma verdadeira missão.

No tocante à filatelia, vivemos um momento em que o grande número de exposições, como Cingapura (FIP), Quito (FIAF), São Paulo (FEBRAF), realizadas recentemente, e aquelas programadas para 2016, como LUBRAPEX - Vianna do Castelo/Portugal (FPF e FEBRAF), Nova Iorque/USA (FIP), Córdoba/Argentina (FIAF) e Taipé/Taiwan (FIP), nos dá a certeza de que muito temos a apreciar e aprender sobre culturas, tradições e fatos históricos dos quatro cantos do mundo.

A filatelia está em movimento.

Nesse sentido, o nosso Boletim SANTA CATARINA FILATÉLICA traz informações e estudos que, esperamos, sejam compartilhadas e que sirvam de estímulo para o desenvolvimento de novas coleções e incentivo para o aprimoramento daquelas já formadas.

Compartilhem nossas ideias!

Luis Claudio Fritzen
Presidente da AFSC

ÍNDICE GERAL

Palavras do Presidente 3
Os Bilhetes da Casa da Administração Geral dos Diamantes 4
Elvis não morreu! 20
Propaganda com moedas sobre Tóquio 30
As Medalhas contam a História do Brasil 32
LER MAIS 33
Moedas Comemorativas - Quarto Centenário do Descobrimento do Brasil 34
Praça “Jornalista Filatélico Teixeira da Rosa”.. 42
Gafes dos Correios do Golfo Pérsico 44

Textos e imagens dos artigos publicados neste Boletim são de responsabilidade dos autores.

Os Bilhetes da Casa da Administração Geral dos Diamantes

do Arraial do Tijuco[1] *do Serro Frio da Capitania de Minas Gerais. (1772 a 1845*[2]*)*

Márcio Rovere Sandoval - Montreal, Canadá (*)

Figura 1 *– Brasão de Armas de Portugal (D. José I – O Reformador, 1750-1777) presente nos bilhetes impressos da Casa da Administração Geral dos Diamantes. Reprodução parcial a partir da obra de Julius Meili (O Meio Circulante no Brasil. Parte III – A Moeda Fiduciária no Brasil 1771-1900. Zurique, Tipografia de Jean Frey, 1903, Estampa 1 – 1*).*

Em virtude do Decreto de 12 de julho de 1771, foi substituído o antigo sistema de contratação da extração dos diamantes em hasta pública, que vigorou de 1° de janeiro de 1740 a 31 de dezembro de 1771, pelo da mineração por conta da Real Fazenda, criando-se a Real Extração dos Diamantes. Pelo Alvará de 2 de agosto de 1771, editou-se uma legislação específica para a região, o denominado Regimento Diamantino[3]. Pouco depois da instalação do novo sistema, surgiram, por necessidades práticas, os *bilhetes da Casa da Administração Geral dos Diamantes ou simplesmente da Real Extração,* que tiveram giro no comércio, assumindo funções semelhantes às do papel-moeda.

Remontando às origens dessa situação, temos que, além do ouro em Minas Gerais, descobriu-se no Serro Frio, em um lugarejo conhecido como Arraial do Tijuco (núcleo inicial da cidade de Diamantina), uma grande lavra de Diamantes. Uma descoberta extraordinária, tendo-se em vista que os diamantes até então só haviam sido encontrados, em abundância, na Índia[4].

---

1 Palavra de origem tupi que significa “lama” (local lamacento, pantanoso) e que, nos bilhetes da Real Extração, foi grafada com “e”, ou seja, “Tejuco”, forma esta também largamente utilizada.

2 As datas marcam apenas os limites extremos do período dessa administração e não necessariamente o de circulação dos bilhetes.

3 Também conhecido como o *“Livro da Capa Verde”*, porque chegou ao Distrito Diamantino encadernado em marroquim verde.

4 As primeiras notícias sobre descobertas de diamantes no Brasil, segundo a historiadora *Junia Ferreira Furtado*, remontam à segunda metade do século XVI - Expedições de Fernandes Tourinho (1572), Antonio Dias (1574) e Marcos de Azevedo (1596).

Desde 1714, havia notícias do surgimento de diamantes e topázios na região, sendo que o descobrimento, oficialmente, deu-se em 1723, chegando a notícia a Portugal apenas em 1727, no reinado de D. João V. O primeiro ato oficial da existência das minas diamantinas é a Carta, de 22 de janeiro de 1729, do Governador D. Lourenço de Almeida comunicando à Metrópole a descoberta de diamantes na Comarca do Serro Frio.

Inicialmente, a mineração foi aberta a todos (1730 a 1740). Mais tarde, a Coroa Portuguesa passou a arrendar a particulares a exploração, mas resguardando para si o direito exclusivo na compra das gemas (período dos contratos). É nesse período que surge o Distrito Diamantino, criado pela Coroa para controlar com mais rigor a extração dos diamantes. De 1740 a 1771, foram realizados seis contratos durante os quais foram vendidos, segundo Fortunée Levy[5], citando um documento da Real Biblioteca da Ajuda[6], *"diamantes os mais excelentes, que no seu brilhar e dureza deixam a perder de vista os do Oriente"*[7].

A Coroa, achando-se lesada com o sistema de arrendamento a particulares, criou um novo sistema a partir de 1771. Assim, com o Decreto de 12 de julho de 1771, criou-se a Real Extração dos Diamantes, um monopólio real de extração que durou até a Independência e se prorrogou até 1841, sendo a administração substituída definitivamente em 1845 e extinta em 1853.

***Figura 2** – "Diamond washing at Curralinho" (Lavra de diamantes em Curralinho, perto de Tijuco) **in**: Spix, J.P. von and Martius, C.F.Phil von. Travel in Brazil, in the years 1817-1820. London: Longman, Hurst, Rees, Orme, Brown and Green, 1824, Vol. II, p.III).*

5 Ex-conservadora do Museu Histórico Nacional.

6 Descrição Geográfica, Topográfica, Histórica e Política da Capitania de Minas Gerais, 1781 (***in***: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Tomo LXXI, Parte I, 1908, p.117-197, 1909).

7 Acreditamos que a hipótese é exagerada; para um estudo mais aprofundado do assunto recomendamos o livro de David Rabello, "Os Diamantes do Brasil na Regência de Dom João (1792-1816): um estudo da dependência externa, São Paulo, Arte e Ciência, UNIP, 1997.

O sistema estabelecido pelo Decreto de 12 de julho de 1771 e pelo Alvará de 2 de agosto do mesmo ano, entrou em vigor a partir de 1º/01/1772. Não era prevista a possibilidade de emissão de bilhetes, sendo provável que seu surgimento esteja ligado a questões de ordem prática, ou seja, quando da escassez de fundos por parte da Administração para saldar suas dívidas[8], esta emitia bilhetes. Quando a Fazenda Real enviava os recursos (moedas), esses bilhetes eram pagos.

As emissões se iniciaram, ao que tudo indica, com a implantação do novo sistema, ou seja, a partir de 1772. O bilhete de data mais antiga que conhecemos é de 30 de junho de 1773, pertencente às coleções do Museu Histórico Nacional.

Nesse período, a produção aurífera não se encontrava mais no auge, verificado por volta de 1750 (estimativa de 15 ton/ano). A produção havia caído a menos de 5 ton/ano em 1785. No que tange aos diamantes, o período "áureo" ocorreu durante o período dos contratos. Quando foi criada a Real Extração, *"o mercado europeu achava-se abarrotado de diamantes, havendo grande baixa nos preços"*[9].

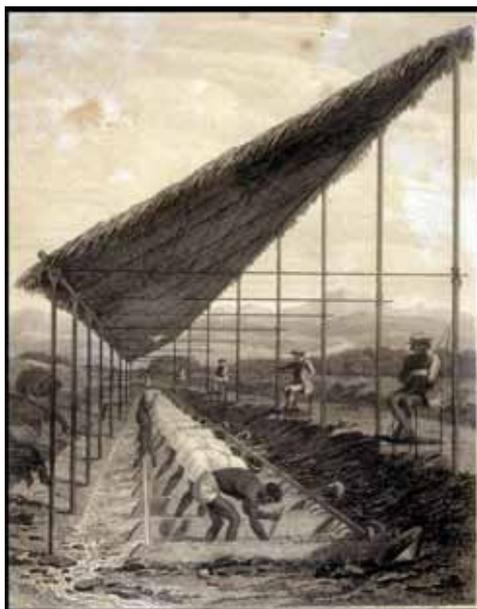



Figura 3 *– "View of negroes washing for Diamonds at Mandango on the river Jigitonhonha in Cerro do Frio -Brazil"* (Vista de negros na lavra de diamantes em Mandango, no Rio Jequitinhonha, em Serro do Frio – Brasil) (***in***: Jonh Mawe. *Travels in the Interior of Brazil, particulary in the Gold and Diamond Districts…. London: Longman, Hurst, Rees, Orme and Brown, Paternoster-Row, 1812, p. s/n°).*

8 Principalmente no referente ao aluguel dos escravos.

9 LEVY, Fortunée. A Circulação da Moeda Fiduciária no Distrito Diamantino – Bilhetes da Extração. Rio de Janeiro: Anais do Museu Histórico Nacional, Imprensa Nacional, Vol.II, 1941, p. 273.

Julius Meili[10] nos informa que, até 1776, os Bilhetes da Extração se pagavam com a maior pontualidade, quando apresentados à Administração, razão pela qual adquiriram imenso crédito no giro do comércio. Passados ao portador[11], eram aceitos por toda a Capitania e também fora dela; com eles se pagavam os tributos, entre estes o quinto e os direitos de entrada.

Daquele tempo em diante (1776), houve excessos nas despesas ou mesmo a ausência de fundos para o pagamento dos bilhetes que eram apresentados, culminando pelo seu não pagamento, decorrendo daí sua desvalorização. Começaram a sofrer descontos de 5 a 10%, nos primeiros tempos, sendo que estes, até o ano de 1816, foram gradualmente subindo até 50, 60 e 80%. A Extração foi declinando até extinguir-se definitivamente, em 1853. O Decreto de 24 de setembro de 1845 mandava substituir sua administração. *Julius Meili* cita várias fontes para o estudo do período, entre elas o livro do alemão W.L Eschwege, *Pluto Brasiliensis,* publicado em Berlim em 1833 e Memórias do Distrito Diamantino da Comarca do Serro Frio, por J. Feliciano dos Santos, publicado no Rio de Janeiro, em 1868 (ambos com edições posteriores).

Encontramos uma interessante referência legislativa (Carta) sobre os bilhetes da Real Extração no livro do Capitão S. Sombra, História Monetária do Brasil Colonial, vejamos:

> *"A Diretoria da Real Extração, em Lisboa, ordena à Junta do Tijuco que suspenda a emissão de novos bilhetes, os quais corriam, em toda a Capitania de Minas, desde 1772, como se moeda fossem. (C. de 23 de outubro de 1776)"* (ob.cit. p.232).

Pelo que se depreende do texto acima, os bilhetes da Real Extração corriam *como se moeda fossem* desde 1772, sem o conhecimento da Diretoria da Real Extração, em Lisboa. Interessante notar que os bilhetes vinham de Lisboa e, ainda, que em 1776 eles deixaram de ser pagos pontualmente, como vimos. O fato é que eles continuaram a ser emitidos e a carta virou letra morta.

Os bilhetes da Real Extração

A Administração Geral dos Diamantes emitiu bilhetes, uns impressos e outros manuscritos. Os bilhetes manuscritos[12] seriam os denominados "conhecimentos" emitidos na falta de bilhetes impressos, mas a legislação não menciona sequer os primeiros. Os bilhetes impressos vinham de Lisboa, encadernados em livros e, quando da emissão, eram cortados pela tarja linhada que se situava no centro da folha, para posterior confrontação na ocasião do pagamento[13]. Os bilhetes manuscritos eram de confecção local e o único remanescente de que temos conhecimento apresenta assinaturas como elemento de segurança.

---

10 O Meio Circulante no Brasil, Parte III - A Moeda Fiduciária no Brasil, Tipografia Jean de Frey, Zurique, 1903, p.3.

11 Constava nos bilhetes que os mesmos deveriam ser pagos ao credor ou ao portador, vejamos: *"... de conta do Senhor... que se lhe pagará, ou a quem este apresentar".*

12 A nosso ver.

13 Para a verificação da autenticidade.

Descrição dos bilhetes impressos

São 1502,¾ 2,

Ficão nesta Casa da Administração Geral dos Diamantes ... de ouro de conta do Senhor ... que se lhe pagará, ou a quem este apresentar. Tejuco 30. de Junho de 1773.

N.º 531.

Figura 4 – Bilhete da Casa da Administração Geral dos Diamantes do Arraial do Tijuco do Serro Frio, no valor de 1502 oitavas, ¾ e dois vinténs de ouro (em torno de 5 quilos e quatrocentos gramas), emitido em 30 de junho de 1773. Dimensões aproximadas: 180 mm x 146 mm. Reprodução a partir da obra de Julius Meili (O Meio Circulante no Brasil. Parte III – A Moeda Fiduciária no Brasil 1771-1900. Zurique, Tipografia de Jean Frey, 1903, Estampa 1- 1). Antiga Coleção Pedro Massena, atualmente incorporada às Coleções do Museu Histórico Nacional. Esse bilhete (ao que tudo indica) é o mais antigo representante do Meio Circulante Brasileiro e, provavelmente, o de maior valor nominal entre os bilhetes da Real Extração ainda existentes.*

São.........(1)

Brasão de Armas de Portugal (2)

Ficão nesta Casa da Administração Geral dos
Diamantes (3) de
ouro de conta do Senhor (4)
que lhe pagará, ou a quem ef-
te apresentar. Tejuco (5) de 17.....(6)

N°........(7)

(Tarja Linhada) (8)

Explicação dos termos:
(1) Nesta parte era manuscrito o valor do bilhete, em oitavas[14] de ouro.
(2) Brasão de Armas de Portugal. Armas de D. José – O Reformador, 1750-1777.
(3) O valor por extenso, em oitavas de ouro.
(4) O nome do consignado constava nessa parte, mas os bilhetes eram emitidos ao portador, conforme se depreende do final do enunciado – "ou a quem este apresentar".
(5) O dia e mês seguido do ano (6). Não conhecemos nenhum bilhete dessa espécie emitido após 1779.
(7) O número do bilhete. Ao que tudo indica, a numeração era anual e sequencial, pelo menos até 1777.
(8) A tarja linhada, que poderia vir na parte inferior ou superior do bilhete, conforme este era destacado, servia para a confrontação com a outra parte do mesmo, que ficava em poder da Junta. Confirmada a legitimidade do bilhete, era feito o pagamento. Não temos notícias da existência de bilhetes falsos.
Observação: Na parte inferior do bilhete, vinha a indicação do pagamento, ou seja, que o valor consignado foi pago. Todos os bilhetes estudados contêm essa anotação, indicando que foram pagos pela Junta. Encontramos 41 bilhetes desse tipo mais 258, no livro, totalizando 299 bilhetes.

Descrição do bilhete manuscrito[15]

14 Antiga unidade monetária que correspondia à oitava parte da onça ou 3,586 g, equivalente a 1.200 réis.
15 Conhecemos apenas um bilhete desse gênero que foi reproduzido por Julius Meili (n° 2*), pertencente à *Antiga* Coleção Pedro Massena, atualmente incorporada às Coleções do Museu Histórico Nacional. Ao que tudo indica, esse bilhete é o mais antigo entre os que foram impressos no Brasil. No caso, foi apenas impresso o brasão de armas de D. Maria I (1777-1816), sendo o restante manuscrito.

Figura 5 (imagem na página 9) – Bilhete manuscrito da Casa da Administração Geral dos Diamantes do Arraial do Tijuco do Serro Frio, no valor de 6 oitavas e ½ de ouro (apenas 23,30 gramas), emitido em 18 de maio de 1792. Dimensões aproximadas: 205 mm x 150 mm. Reprodução a partir da obra de Julius Meili (O Meio Circulante no Brasil. Parte III – A Moeda Fiduciária no Brasil 1771-1900. Zurique, Tipografia de Jean Frey, 1903, Estampa 2 – 2). Antiga Coleção Pedro Massena, atualmente incorporada às Coleções do Museu Histórico Nacional. Esse bilhete (ao que tudo indica) é o mais antigo representante do Meio Circulante Brasileiro impresso no Brasil – o Brasão de Armas foi impresso através de sinete.*

"*Jornaes do 2. Sem.*[et.] *de 1791* *São 6½*

(Armas de Portugal – D. Maria I – A Piedosa, 1777-1816)

Ficão nesta Casa da Admin. ação Geral dos Diam. es Seis oitavas e meia de ouro de Raymundo de Araûjo, que se lhe pagarão, ou a quem este apresentar. Tejuco 18 de Mayo de 1792.

(Podem ser identificadas quatro assinaturas - ilegíveis quase que na totalidade).

Alguns sobrenomes: Silveira (assinatura central) e Souza (em baixo, à esquerda).

N° 87 *Pg.*"

Observação: Esse bilhete, além de provavelmente único, foi emitido após 1776 (ano em que os bilhetes deixaram de ser pagos com pontualidade) e ainda é o de data mais "recente" entre os conhecidos (1792). Dessa forma, existe prova efetiva de circulação desses bilhetes entre os anos de 1773 e 1792, data da emissão deste último.

Na parte superior, à esquerda, temos: "*Jornaes do 2. Sem.*[et.] *de 1791*", a nosso ver, referência ao pagamento de *jornadas de trabalho* do segundo semestre de 1791.

Notícias sobre as emissões dos bilhetes

Da análise de diversos bilhetes da Real Extração existentes, de várias fontes, podemos tirar algumas informações interessantes sobre o valor, a forma de numeração e a quantidade emitida, vejamos:

Bilhetes da Real Extração

Emissão	Número	Valor	Consignado	Fontes
30/06/1773	N° 531	1502 oitavas ¾ e 2 vinténs	Francisco Alz. de Barros	MHN
23/11/1773	N° 791	100 oitavas	Manoel Gomes Obidos	Internet
25/11/1773	N° 797	48 oitavas ½ e 2 vinténs	Manoel ...Neto	Internet
9/12/1773	N° 832	75 oitavas ½	Manoel de Oliveira Penna	Leilão Itaú
31/12/1773	N° 886	63 oitavas ¾ e 7 vinténs	Domingos F. de Oliveira	Internet
31/12/1773	N° 901	25 oitavas	Bento Manoel de Oliveira	WPM
31/12/1733	N° 914	5 oitavas	Francisco José de Almeida	Internet
31/12/1773	N° 918	94 oitavas ¼ e 6 vinténs	José de Moura e Oliveira	Internet
4/08/1777	N° 249	14 oitavas e 2 vinténs	José ...Pereira....	Internet
4/08/1777	N° 267	38 oitavas ½ e 6 vinténs	Manoel José R. Sampayo	Internet
4/08/1777	N° 268	66 oitavas ¾	Domingos Luis dos Reis	Internet
4/08/1777	N° 287	9 oitavas	José...	Internet
4/08/1777	N° 295	90 oitavas	Baltazer Gonçalves...	Ebay
4/08/1777	N° 303	50 oitavas e 2 vinténs	Manoel ...Rocha	Ebay
4/08/1777	N° 305	76 oitavas ¾ e 4 vinténs	Manoel José Machado	Ebay
5/08/1777	N° 318	50 oitavas	D. Maria da Conceipção	Internet
5/08/1777	N° 319	18 oitavas ¾ e 6 vinténs	D. Maria da Conceipção	Internet
5/08/1777	N° 328	5 oitavas ¼ e 4 vinténs	Acácio de Araujo Ferreira	Internet
5/08/1777	N° 343	100 oitavas	Miguel Ferreira ...	Ebay
5/08/1777	N° 351	24 oitavas	Manoel Antonio de Aguiar	Ebay
5/08/1777	N° 356	100 oitavas	Manoel Antonio Salgado	Internet
6/08/1777	N° 365	3 oitavas	D. Anna da Encarnação	Ebay
6/08/1777	N° 387	120 oitavas	Cap. Jozé da Costa...	Internet
7/08/1777	N° 402	296 oitavas ¼ e 3 vinténs	João Machado Penna	Ebay
7/08/1777	N° 405	131 oitavas e 3 vinténs	João Machado Penna	Internet
7/08/1777	N° 417	10 oitavas	...José Caetano Reis	Ebay
7/08/1777	N° 419	16 oitavas ¼	...José Caetano Reis	Ebay
3/08/1778	N° 250	88 oitavas ¼ e 2 vinténs	Francisco José Pereira	BC
4/08/1778	N° 324	86 oitavas ¼ e 4 vinténs	Jerônimo Luis da Cunha	Icon
5/08/1778	N° 372	27 oitavas ¼ e 2 vinténs	José Francisco Guimarães	Internet
5/08/1778	N° 375	40 oitavas	Manoel Caetano Ferreira	BC
20/02/1778 a 05/03/1778 N° 2115 a N° 2696 (livro 258 bilhetes)				MD
25/02/1778	N° 2544	50 oitavas	João Correia...	MD
25/02/1778	N° ?	20 oitavas	José Francisco Dias	MD
25/02/1778	N° 2558	40 oitavas	Francisco José C. Valadares	MD
25/02/1778	N° 2559	20 oitavas	Francisco José C. Valadares	MD
26/02/1778	N° 2600	8 oitavas	...João...	MD
26/02/1778	N° 2601	40 oitavas	...João...	MD
19/02/1779	N° 2066	100 oitavas	D. Anna Joaquina Roza	Internet
20/02/1779	N° 2101	7 oitavas	D. Anna ….	MHN
22/02/1779	N° 2158	120 oitavas	José ... Valle	MHN
18/05/1792	N° 87?	6 oitavas ½	Raymundo de Araujo	MHN

Abreviações: MHN (Museu Histórico Nacional); WPM (World Paper Money); BC (Museu de Valores do Banco Central); Icon (Iconografia do Meio Circulante - ver bibliografia) e MD (Museu do Diamante – Diamantina/MG).

No que tange ao valor dos bilhetes, podemos constatar a existência de um único bilhete acima da média (entre 20 a 100 oitavas); é o bilhete de data mais antiga que conhecemos

(30/6/1773), como já tivemos a oportunidade de mencionar. Esse bilhete (apresentado na figura 4), pertencia à antiga Coleção Pedro Massena de Barbacena/MG e foi reproduzido na obra de Julius Meili, A Moeda Fiduciária no Brasil de 1903. Hoje pertence à Coleção do Museu Histórico Nacional. Esse bilhete correspondia aproximadamente a 5 quilos e quatrocentos gramas de ouro.

O de menor valor que encontramos é o de 3 oitavas (1777), correspondente a 10,75 gramas de ouro.

Entre o primeiro bilhete e o oitavo (todos de 1773), considerando-se a numeração sequencial, por hipótese que nos parece a mais sensata, teríamos a emissão num período de 6 meses - de final de junho a dezembro, de 388 bilhetes.

Prosseguindo nesta análise, podemos notar que entre o bilhete n° 832 de 9/12/1773 e o do dia 31/12/1773, temos 22 dias e a emissão de 87 bilhetes, sendo que a média mensal (nessa época), calculada nos 6 meses, seria em torno de 60 bilhetes.

A realidade é bem outra se analisarmos os bilhetes do ano de 1778, constantes do talonário existente no Museu do Diamante de Diamantina. Em um período de 14 dias (20/02/1778 a 5/3/1778), foram emitidos nada menos do que 582 bilhetes (restam no livro 258 bilhetes). Em seis meses, nesse ritmo, teríamos cerca de 7.470 bilhetes, uma quantidade muitas vezes superior às dos primeiros anos.

Alguns bilhetes do ano de 1778 e os de 1779 apresentam a numeração acima dos três dígitos, sem que saibamos o motivo.

Figura 6 *– Talonário dos bilhetes da Real Extração com o "canhoto" dos bilhetes do período de 20/02/1778 a 5/3/1778 (bilhetes N° 2115 a N° 2696). Restam neste talonário 258 bilhetes dos 582 que provavelmente existiam, considerando-se a emissão sequencial. O objetivo da conservação do talonário era a confrontação com os bilhetes emitidos, para a verificação de sua autenticidade.* (Museu do Diamante – Diamantina/MG).

Das assinaturas e do formato dos bilhetes

Fato curioso é a completa ausência de assinaturas em todos os bilhetes impressos. No bilhete manuscrito, temos quatro, como anteriormente descrito. O formato dos bilhetes é irregular já que eram cortados pela tarja linhada que servia de ponto de confrontação nos talonários para a verificação da autenticidade. A Iconografia do Meio Circulante, obra realizada pelo Banco Central, em 1972, traz a reprodução de um desses bilhetes em tamanho próximo ao original – 175 mm x 140 mm (bilhete impresso) que acreditamos estar perto da realidade. Em relação ao bilhete manuscrito, temos apenas uma referência na matéria de Fortunée Levy, segundo a qual o formato seria de cerca de 205 mm x 105 mm.

O *"specimen"* dos bilhetes impressos (figura 9) foi apresentado como medindo 11-3/4" x 7-3/4", ou seja, 298,4500 mm x 196,8500 mm. Estas seriam as medidas da folha inteira, sem o destaque e corte pela tarja linhada.

O método de impressão dos bilhetes

Sobre o método de impressão, Violo Idolo Lissa[16] afirma que os bilhetes impressos eram fabricados em Lisboa pelo método da litografia, tinta preta sobre papel branco. Essas informações, no entanto, não podem ser confirmadas tendo-se em vista que o processo litográfico foi inventado entre os anos de 1796 e 1799, pelo tcheco de origem austríaca *Alois Senefelder* (1771-1834) e que os bilhetes em análise foram emitidos entre 1772 e 1779, portanto, bem antes da invenção da litografia. A litografia chegaria a Portugal somente em 1824 e, ao Brasil, em 1818, introduzida por um francês.

O método que poderia ter sido utilizado, nesse caso, é o da gravura em metal para o brasão de armas e a tipografia para as letras[17]. A chapa de metal gravada deixa o papel ligeiramente sensível ao tato (como as atuais cédulas), o que não ocorre com a impressão litográfica, caso em que o papel permanece liso.

Em relação ao bilhete manuscrito, Lissa informa que somente foi impresso um medalhão com as Armas portuguesas, na parte superior central, sobre papel branco e todo o texto manuscrito. Fortunée Levy nos informa que o Brasão de Armas foi impresso por meio de um sinete (carimbo). A irregularidade de impressão parece corroborar nesse sentido.

16 Catálogo do Papel Moeda do Brasil, Gráfica Brasiliana, 3 edição, Brasília, 1987, p. 41.
17 Aqui se trata de uma opinião do autor, que, todavia não é especialista no assunto.

Brasões diferenciados, mas uma gravação em uma única placa

Brasão de Armas Português

Figura 7

Figura 8

Brasão de Armas Português - parte superior dos bilhetes da Real Extração. Em relação às Armas Portuguesas (bilhetes impressos), podemos notar a existência de dois desenhos diferentes, em todos os bilhetes analisados (figuras 7 e 8). Existem pequenas diferenças nas coroas, na posição dos castelos, no brasão e nos ornamentos. Em primeira análise, acreditávamos em chapas de impressão distintas.

Todavia, um raro "*Specimen*" encontrado em um leilão veio dissipar as dúvidas. Como pode ser observado na figura 9 (página seguinte), os bilhetes vinham impressos em uma única folha e, na ocasião da emissão, eram cortados pela tarja linhada para posterior confrontação na ocasião do pagamento, como havíamos afirmado anteriormente. O fato é que existem as diferenças apontadas no brasão, eis que a gravação manual torna difícil ou mesmo impossibilita uma cópia idêntica, como é possível, hoje, através de equipamentos modernos.

São

Ficão neſta Caſa da Adminiſtração Geral dos Diamantes de ouro de conta do Senhor que ſe lhe pagará, ou a quem eſte apreſentar. Tejuco de de 17

Sem efeyto.

N.º

São

Ficão neſta Caſa da Adminiſtração Geral dos Diamantes de ouro de conta do Senhor que ſe lhe pagará, ou a quem eſte apreſentar. Tejuco de de 17

Sem efeyto.

N.º

Figura 9 –** “Specimen” (cancelado – sem efeito) dos bilhetes da Real Extração de 1777* (11-3/4” x 7-3/4) (298,4500 mm x 196,8500 mm). (in***: NumisBids Coin Actions[18]). O Brasão de armas que se encontra na parte superior da folha é diferente daquele que se encontra na parte inferior.

18 https://www.numisbids.com/n.php?p=lot&sid=888&lot=973.

A presença de marca d'água ou filigrana no papel

Tínhamos notícias sobre a ocorrência de marca d'água em alguns bilhetes da Real Extração, o que nos levou a pensar na existência de falsificações no caso da não presença deste elemento de segurança. Ledo engano.

Alguns bilhetes apresentam marca d'água, fato em geral não mencionado por aqueles que se dedicaram ao tema. Tivemos a informação de que, dos 25 bilhetes que se encontram no Museu Histórico Nacional[19], 11 apresentam marca d'água. Não estando presente em todos os bilhetes e nem sendo de fácil identificação, este aspecto foi deixado de lado nas obras a que tivemos acesso.

Do Museu de Valores do Banco Central, obtivemos a seguinte informação: *"Quanto à marca d`água, apenas uma das peças apresenta este elemento de segurança com a figura de uma coroa. A posição em que a marca d`água se encontra – porção inferior do papel, sem proporcionalidade de posição com a impressão – e a aparência idêntica do papel em todas as peças, leva-nos a acreditar que os documentos em questão foram impressos em papel que carrega marca d`água, mas, sem uma correspondência com as características de tamanho e/ou de local de corte dos bilhetes, o que faria com que algumas peças tragam marca d`água – em qualquer lugar – e outras não".* (Jorge Augusto Matsunaga Sasaki, analista do Departamento de Educação Financeira do Banco Central).

Acreditamos que esta versão, gentilmente apresentada pelo analista do Banco Central, é a mais próxima da realidade, ou seja, o papel filigranado (com a figura de uma coroa) foi utilizado na confecção dos bilhetes, mas a figura não aparece necessariamente em todos eles, eis que de localização aleatória.

Notícias sobre a circulação dos bilhetes

Julius Meili transcreve uma carta pertencente à antiga coleção Pedro Massena que diz respeito à circulação dos bilhetes da Real Extração, vejamos:

"Sñr João Rodrigues de Macedo.

Leva Fran^{co} da Rocha *nove sentas e quatro oitavas e tres quartos em b^{ts} da R! Extração que pertencem a cobrança do Contrato das Entradas*, aonde se deve acreditar, e são todos quantos avia em caza, pela dificuld.^{e} q cada vez experim^{to} nas cobranças, q na verd.^{e} me emvergonho de lhe fazer simelhantes remeças. Em *barra ou em Ouro, he couza q por aqui não hâ.*

Sinto no meu coração não poder a vm^{ce} ajudalo nas suas afliçoens como devo.

Dezejo-lhe saude e mt^{as} felicid.^{es} a pessoa de vm^{ce} q D^{s} g^{e} m a

Tejuco 1° de Janr^{o} de 1784.

De vm.^{ce}
Am^{o} e C

(assignado) João Carnr^{o}"[20] (grifo nosso).

---

19 Informação gentilmente prestada pela museóloga do MHN Paula Moura Aranha.

20 Ob. cit. p. 4

Temos notícia de que, em 1814, esses bilhetes deveriam ser recebidos nos pagamentos à Real Fazenda, segundo o termo a respeito dos bilhetes da Real Extração Diamantina, datado de 30 de março de 1814, fls. 71v. (***in***: Angelo Alves Carrara. A Real Fazenda de Minas Gerais guia de pesquisa da Coleção Casa dos Contos de Ouro Preto. Juiz de Fora: Clio Edições Eletrônicas, Volume 3 – Correspondência ativa e passiva da Junta da Real Fazenda de Minas Gerais, 1766-1832, 2010, p.20).

Em 1816[21], ordena-se o pagamento de todas as despesas da Extração, duas vezes ao ano, não se permitindo a emissão de bilhetes de qualquer natureza. Mas as emissões continuam, eis que os recursos chegam sempre com atraso.

A esses bilhetes ainda faz menção o relatório do Ministério da Fazenda para o ano de 1828, vejamos:

"Da Despesa Extraordinária do 1° semestre do ano de 1828.
(...)
Bilhetes da Extração Diamantina do Tejuco remetidos pela Junta da Fazenda de Minas Gerais para o pagamento do subsídio de seus Deputados à Assembléia Legislativa, que se dão em despesa por não correrem nesta Corte. 61.577$537" (p.18).

Com a Independência do Brasil e provavelmente por causa de sua depreciação, os bilhetes passaram a encontrar obstáculos na circulação perante o Governo Imperial, ficando restritos a Minas Gerais.

O catálogo World Paper Money considerou como período de circulação desses bilhetes os anos de 1771 a 1792 e, curiosamente, classifica apenas os bilhetes impressos - P.A101, não mencionando a existência dos bilhetes manuscritos que justificariam a última data apontada.

Ao que tudo indica, esses bilhetes teriam circulado a partir de 1° de janeiro de 1772, apesar do mais antigo exemplar conhecido datar de 30 de junho de 1773.

Em relação à data de "recolhimento", ou da perda de valor desses bilhetes, poderíamos estabelecer o ano de 1841 (ano da extinção da Extração) ou 1845, ano da substituição da administração. No entanto, não encontramos dados para confirmar esta tese.

A emissão dos bilhetes é comprovada efetivamente até o ano de 1792 (bilhete manuscrito de n°87, reproduzido na obra de Meili). Um indicativo de circulação é a menção no Relatório do Ministério da Fazenda para o ano de 1828, informando que aqueles bilhetes não corriam na Corte, dando a entender que circulavam na Província de Minas Gerais. Temos aqui duas datas, a de 1792 pelo bilhete manuscrito e a de 1828 pelo Relatório Ministerial. Sabemos, assim, que esses bilhetes tiveram validade até 1828 pelo menos, mas não podemos afirmar que ainda estavam em circulação até 1841 ou 1845 ou mesmo posteriormente, ei que nos faltam dados.

21 LEVY, Fortunée. Ob.cit. p.278.

Da natureza dos bilhetes

A maioria dos autores não define com exatidão a natureza desses bilhetes. *Julius Meili*[22] informa que se trata de *"Papel Moeda para a Capitania de Minas Gerais - 1771/1841."*, e nada diz sobre como a Administração utilizava esses bilhetes. Os bilhetes eram expressos em oitavas de ouro e não em réis, como vimos. Daí surge a questão, eles serviam para a compra dos diamantes? De ouro? Meili não dá a resposta. Lissa, ao mencionar esses bilhetes, informa que os mesmos serviam para o recolhimento do ouro, conforme o Regimento de 2 de agosto de 1771.

Os bilhetes serviam para o pagamento das despesas da Real Extração e, notadamente, para o pagamento da mão de obra[23]. Não eram utilizados para a compra dos diamantes, eis que a partir de 1772 a extração passou a ser monopólio da Coroa, não fazendo nenhum sentido comprar aquilo que ela mesma possuía. Quanto ao ouro, existia o imposto do quinto.

Esses bilhetes adquiriram imenso crédito no giro do comércio, como vimos, e, a partir de 1776, deixaram de ser pagos pontualmente.

Até 1776, temos a figura da moeda-papel eis que, embora fiduciária, representava uma equivalência metálica, podendo ser trocada por metais preciosos até aquela data. Depois, passa a circular como papel-moeda, dependendo do Governo a fixação do recolhimento.

Assim, trata-se da primeira experiência[24] na utilização da moeda fiduciária no Brasil.

Bibliografia:

ANTONIL, André João. **Cultura e opulência do Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte : Itatiaia/Edusp, 1982. (Coleção Reconquista do Brasil).
http://www.culturatura.com.br/obras/Cultura%20e%20opul%C3%AAncia%20do%20Brasil.pdf – Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro - Texto-base digitalizado por: Evaldo Nunes de Almeida – Araruama/RJ.
Nota: A edição *princeps* data de 1711 e foi impressa em Lisboa na Oficina Real Deslandesiana, existe um exemplar na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

F. FERREIRA, da Silva. **Catálogo de Moedas e notas de Portugal e Ex-Colônias**, 13ª edição, 2001.
FIGUEIRÔA, Sílvia F. de M. **Mineração no Brasil: Aspectos Técnicos e Científicos de sua História na Colônia e no Império** (Séculos XVIII e XIX). UNICAMP. s/d.
dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4833152.pdf
FURTADO, Júlia Ferreira. **Relações de Poder no Tejuco ou Um teatro em três atos**.
Professora Adjunta de História do Brasil - UFMG. Tempo 7, setembro 1997.
www.historia.uff.br/tempo/artigos_livres/artg7-6.pdf

---

22 O Meio Circulante no Brasil, Parte III - A Moeda Fiduciária no Brasil, Tipografia Jean de Frey, Zurique, 1903, p.3.
23 Aluguel dos escravos.
24 Deixando de lado as ordens de pagamento e as ordenanças no Brasil Holandês.

GONÇALVES, Cleber Baptista. **Casa da Moeda do Brasil**. Rio de Janeiro: Casa da Moeda do Brasil, 2ª Edição, 1989.
LEVY, Fortunée. **A Circulação da Moeda Fiduciária no Distrito Diamantino – Bilhetes da Extração.** Rio de Janeiro: Anais do Museu Histórico Nacional, Imprensa Nacional, Vol.II, 1941, p. 269-280.
LISSA, Violo Idolo. **Catálogo do Papel-Moeda do Brasil, 1771-1986, Emissões oficiais, bancárias e regionais.** 3ª edição, Brasília, Editora Gráfica Brasiliana Ltda., 1987.
MEILI, Julius. **O Meio Circulante no Brasil. Parte III - A Moeda Fiduciária no Brasil 1771-1900**, Zurique, Tipografia de Jean de Frey, 1903.
PICK, Albert. Standart Catalog of **World Paper Money** - General Issues, 1368-1960, 12 th edition, Edited by George S.Cuhaj, USA, 2008.
REGIMENTO DIAMANTINO, de 2 de agosto de 1771. Collecção da Legislação Portugueza ... (1763-1774), Lisboa, 1829, p. 551/564.
https://books.google.ca/books?id=Ml9FAAAAcAAJ&printsec=frontcover&hl=fr&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false
RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO DA UNESCO n° 890 - Diamantina (Brésil).
http://whc.unesco.org/fr/list/890
RELATÓRIOS DO MINISTÉRIO DA FAZENDA, Para o ano de 1828.
http://www-apps.crl.edu/brazil. Brazilian Government Documents, December, 2000. Andrew W. Mellon Foundation - Center for Research Libraries (CRL) - Latin American Microfilm Project (LAMP).
REZENDE, Livia Lazzaro. **Do projeto Gráfico ao Ideológico - Indústria Gráfica e Cultura Visual no Século XIX.** Dissertação de Mestrado, PUC, Rio de Janeiro, 2003.
http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/4202/4202_4.PDF
TRIGUEIROS, F. dos Santos. **Iconografia do Meio Circulante.** Vol. 8 das publicações oficiais do Sesquicentenário da Independência - Gerência do Meio Circulante - Banco Central do Brasil - 1972.
VIEIRA DO AMARAL, José Vinicius. **Catálogo J. Vinicius de Cédulas do Brasil** (Cédulas do Brasil de 1773 a 1980), 1ª edição, 1981.

Agradecimentos especiais a Jorge Augusto Matsunaga Sasaki, analista do Departamento de Educação Financeira do Banco Central do Brasil/Museu de Valores; a José Luiz Pinto Filho, chefe de serviço do Museu do Diamante de Diamantina/MG e a Paula Jesus Aranha, museóloga do Museu Histórico Nacional.

(*) Marcio Rovere Sandoval
E-mail: marciosandoval@hotmail.com
Blog: http://sterlingnumismatic.blogspot.ca

Elvis não morreu!

Cezar Bolzan - São José, SC (*)

Vinte e dois anos depois do primeiro lançamento de um selo em homenagem ao ícone Elvis Presley (janeiro de 1993), no último dia 12 de agosto, o Correio Americano (USPS) ressuscita o mito, numa belíssima série de minifolhas que retratam estrelas do rock, entitulada Ícones da Música.

Momentos da revelação da estampa do selo em Tupelo (cidade natal de Elvis) e Memphis.
Fontes: http://djournal.com/news/new-elvis-stamp-unveiled/ e USPS no twitter.

FDCs com diferentes carimbos da primeira emissão (8 de janeiro de 1993).

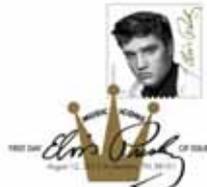
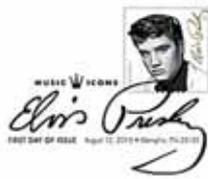
De acordo com o USPS, cerca de 12 milhões de casas americanas colecionaram o selo de 1993, tornando-o o mais popular da história postal americana.

Para esta emissão de 2015, a estampa colorida-brilhante de 1993 foi substituída por um retrato em preto e branco (1955) de William Speer, falecido recentemente. Adrienne Marshall, gerente de marketing do USPS, disse que o novo selo deverá ultrapassar o anterior, já que, no lançamento, havia colecionadores da Bélgica, Holanda e Alemanha. Junto com os selos, os fãs podem comprar um CD exclusivo intitulado "Elvis Forever", com 18 hits e uma nova versão de "If I Can Dream", nas agências postais de todo o país.

Na parte posterior, a minifolha contém 16 selos adesivos com a foto do cantor. No canto inferior esquerdo, entre as palavras "sempre" e "EUA", uma pequena coroa de ouro, homenagem ao apelido de Elvis Presley, The King of Rock and Roll ™. A assinatura de Presley, em tinta dourada, também é destaque no lado direito.

A folha quadrada se assemelha a um disco vintage de 45 RPM, sendo que no lado dos selos, na parte superior, uma sombra parece ser um disco saindo da capa. Abaixo dos selos, o seguinte texto: "Durante sua ilustre carreira, o astro do rock-and-roll Elvis Presley estrelou dezenas de filmes de longa metragem, ganhou três prêmios Grammy e gravou 18 singles número um: Heartbreak Hotel, I Want You, I Need You, I Love You, Don't Be Cruel, Hound Dog, Love Me Tender, Too Much, All Shook Up , (Let Me Be Your) Teddy Bear, Jailhouse Rock, Don't, Hard Headed Woman, A Big Hunk O' Love, Stuck On You, It's Now Or Never, Are You Lonesome Tonight?, Surrender, Good Luck Charm, Suspicious Minds".

Uma imagem de Presley disparada pelo fotógrafo Alfred Wertheimer e o logotipo para a série Ícones da Música aparecem na parte frontal. O valor do selo é de primeiro porte, equivalente a U$ 0.49, custando a folha U$ 7,84 - o selo não é vendido separadamente. Outros nove itens colecionáveis estão à venda.

Minifolha - lado frontal e lado posterior.

Carimbos de primeiro dia oficiais do USPS.

Carimbo comemorativo especial e somente vendido na Graceland Station, mansão de Elvis em Menphis.

Um erro pode transformar 48 desses selos em uma raridade. Foram vendidas na cidade de Mason, Tennessee, 3 folhas no dia 10 de agosto, dois dias antes do lançamento. Todos os selos foram devidamente carimbados e alguns circulados com recibo. O comprador postou um vídeo no youtube.

À direita, carta circulada no dia 10 de agosto de 2015, com carimbos de saída e chegada.

Valorizado carimbo comemorativo com Elvis, anterior à emissão do primeiro selo, Prelude para Memphis, Howard Dog Station, Phoenix, 6 de abril de 1992.

Emissões Filatélicas com Elvis Presley

SUÉCIA

Elvis aparece na série Rockstars, de 2004, em uma minifolha de 12 selos e em um bloco em caderneta.

ALEMANHA

O primeiro selo alemão sobre Elvis, emitido em 1988, foi apenas disponível na Alemanha Ocidental, devido a questões políticas (à direita).

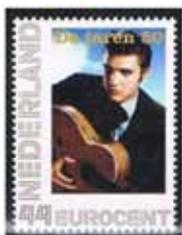
Em 9 de novembro de 2010, a artista plástica alemã Carolin Okon, de Leipzig, conhecida pelas "Pinturas de Elvis", solicitou a emissão de selos personalizados via www.post-individuell.de, utilizando uma das mais conhecidas pinturas de Elvis - uma imagem do Rei em um concerto em agosto de 1970. Foram 3 selos diferentes, sendo 2 deles com diferentes closes da pintura completa. Os selos não foram vendidos pelos Correios. O custo unitário foi de 1,89 € e a venda foi feita com preços diferenciados, dependendo da quantidade: 5 peças por 12,40 €; 10 peças por 21,80 €; 15 peças por 31,20 € e 20 peças por 40,75 €. Abaixo, um fragmento da folha, que contém um total de 20 selos.

Uma segunda emissão a pedido da artista é relatada em 30 de janeiro de 2012, com tiragem de 1.000 exemplares e esgotada rapidamente.

Finalmente, uma terceira série teria sido emitida em 10 de outubro de 2012, novamente com 3 selos diferentes. A informação foi publicada em www.elvis-memories.de. A quantidade emitida relatada foi de 1.000 exemplares, porém não encontramos os selos à venda na web.

HOLANDA

Em 6 de junho de 2006, o selo foi lançado em par numa minifolha de 10 selos, em conjunto com outros quatro selos. Na parte superior da minifolha há um tab e, à direita do par, uma vinheta, celebrando os 50 anos da canção Heartbreak Hotel, que vendeu 9 milhões de cópias em um só ano. Também foi emitido um pack comemorativo, contendo dois pares do selo.

Três modelos de selos personalizados (persoonlijke zegel) estão disponibilizados para venda no Ebay, porém não foram encontradas mais evidências ou detalhes (abaixo).

Os Correios holandeses viabilizam selos personalizados em minifolhas de 10 unidades, no endereço http://www.postnl.nl/versturen/postzegels/.

URUGUAY

Em 2002, o Uruguay lançou um selo referente aos 25 anos da morte do ídolo.

FRANÇA

Um selo personalizado, comemorando os 50 anos da visita de Elvis a Paris, foi lançado em 2009 pela agora extinta loja Elvis My Happines.

Foram três selos com valores nacionais para cartas prioritárias de 20 e 50g e folha de 30 selos para porte internacional de 20g, distintos pela legenda do porteamento.

À esquerda, máximo postal com carimbo comemorativo.

Fonte:
http://www.elvismyhappiness.com

BÉLGICA

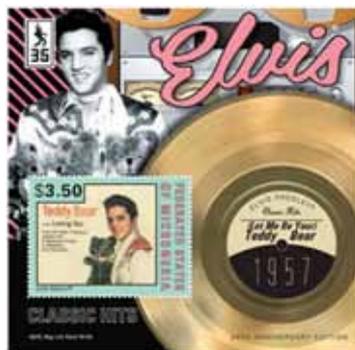
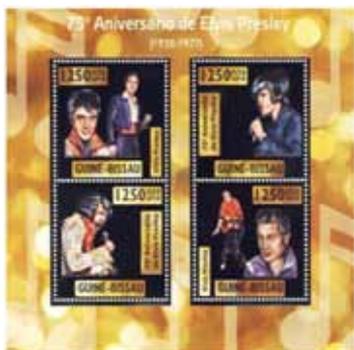
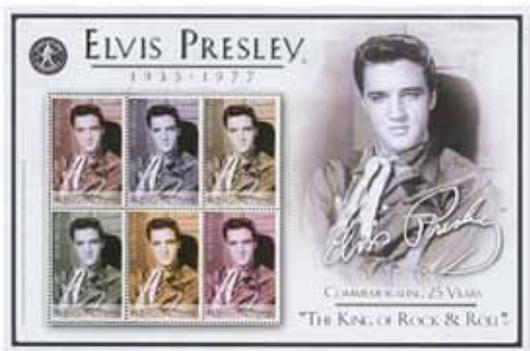
A emissão de 2002 apresenta distintas datas de impressão e possui 15 selos personalizados com vinhetas diferentes do artista, tendo valor facial de €0,42, porte prioritário. Cartelas de 5 selos foram disponibilizadas em tiras verticais conforme emitidos na folha.

Os selos personalizados belgas são disponibilizados em www.montimbre.be.

OUTRAS EMISSÕES

As duas emissões seguintes: minifolha da Libéria e quadra em bloco de Montserrat, trazem as legendas de direitos autorais ou licenciados.

São encontradas mais de uma centena de emissões referentes ao astro. Grande parte em blocos das ilhas do Caribe, séries e selos avulsos. Porém, não foi possível confirmar o direito e legalidade do uso da imagem. As emissões não verificadas são dos seguintes países: Albânia, Antígua & Barbuda, Bósnia Herzegovina, Burundi, Comores, Congo, Dominica, Gambia, Grenada, Hungria, Libéria, Madagascar, Maldivas, Micronésia, Mongólia, Montserrat, Nevis, Palau, Papua Nova Guiné, República Centro Africana, República da Guiné, Salomão Ilhas, St. Kitts, S. Tomé & Príncipe, St. Vicent, St. Vicent & Grenadines, Serra Leoa, Tanzânia, Tchad e Tuvalu.

A seguir, alguns exemplos entre as muitas emissões encontradas:

TEMÁTICA ELVIS

Obviamente o tema ELVIS, não se esgota aqui e outros selos e itens devem ser acrescentados à coleção por conta da sua imaginação e pesquisa. Boa caçada e feliz coleção!

Carimbo TUPELO

Carimbo MEMPHIS

SITES PARA CONSULTA:

http://elvis-memories.de
http://www.postbeeld.com/stamps/performance/elvis-presley/
www.delcampe.com
www.ebay.com
www.usps.com
www.zazzle.com
https://www.youtube.com/watch?v=Kw9C18vyCyQ

(*) Cezar Augusto Moraes Bolzan
E-mail: cezarbolzan@hotmail.com

Propaganda com moedas sobre Tóquio

Luis Claudio Fritzen - Florianópolis, SC

Na madrugada do dia 10 de agosto de 1945, a cidade de Tóquio foi bombardeada por aviões B-29, dos Estados Unidos.

Diferentemente do que nas vezes anteriores, quando haviam sido empregadas bombas incendiárias, agora foram lançadas moedas de "iene". Os atônitos moradores que passaram a recolher tal numerário, logo perceberam que embora a cara da moeda fosse idêntica à verdadeira, em seu verso havia notícia terrível: se o Japão não se rendesse, seria lançada a terceira bomba atômica.

O Time Magazine de 18 de junho de 1945 mencionou notas de propaganda de 10 ienes em um artigo intitulado "Abaixo o Gumbatsu!" O artigo fala das principais campanhas psicológicas para induzir o Japão a se render. Alguns dos comentários são os seguintes:

> "O bombardeamento de f*olhetos no Japão foi intensificado acentuadamente desde o dia VE [Vitória na Europa]. Os B-29 Superfortalezas e aviões baseados em transportadores estão atirando salvas de papel, a uma taxa diária de 500.000 a 1.000.000 de folhetos. Alvo principal desses bombardeios é o Gumbatsu, a camarilha militar que governa o império.*
>
> *Um pequeno folheto como uma nota de 10 ienes, com ursos no verso, diz: "O Gumbatsu está desperdiçando seu dinheiro de impostos para essa guerra, o Gumbatsu gastou o equivalente a ¥ 5.000 para cada japonês. Pense o que você poderia ter feito..."*

Um dos principais temas é a exploração da hipocondria nacional do Japão. Diz um folheto: "*As linhas de abastecimento de água e electricidade serão destruídos por bombas. A comida ficará escassa. Assim, você vai se enfraquecer e ficar doente. Com cada bombardeio, o país se torna mais imundo, e é mais difícil controlar a doença... Ponha um fim a este sofrimento desnecessário. Exija que os militaristas que começaram esta guerra levem-na a um fim*."

Deve-se ressaltar aqui que os itens mencionados são material de propaganda. Eles são sob a forma de moedas e cédulas bancárias para torná-los mais desejáveis para serem recolhidos. Essas cédulas e moedas de propaganda não fazem nenhuma tentativa de enganar o localizador e certamente não faziam parte da guerra econômica.

As moedas que mencionamos primeiramente faziam menção velada às bombas que haviam explodido em Hiroshima e Nagasaki, em 6 e 9 de agosto de 1945, causando milhares de mortos. Ampliaram-se assim os boatos sobre os efeitos daquela terrível arma.

As moedas agora vêm aparecendo em leilões, especialmente eletrônicos, com elevados preços, mas sua autenticidade não pode ser garantida. Infelizmente, para um estudo numismático mais aprofundado, não foram encontrados os registros militares oficiais, desconhecendo-se inclusive os locais onde foram cunhadas tais moedas de propaganda.

Destacamos que a medida psicológica era um blefe, pois os Estados Unidos, naquele momento, não possuíam o terceiro artefato nuclear, nem haviam previsto esse novo lançamento.

Não se sabe o efeito que teve sobre a população, mas a decisão do Japão de se render foi tomada exatamente naquela data.

As Medalhas contam a História do Brasil - XI

Homenagem do Povo Brasileiro ao Barão do Rio Branco - 1910

Claudio Amato - São Paulo, SP (*)

José Maria da Silva Paranhos Júnior nasceu em 20 de abril de 1845, na cidade do Rio de Janeiro, sendo filho do Senador e Diplomata José Maria da Silva Paranhos, o Visconde do Rio Branco.

Em 1862, ingressou na Faculdade de Direito de São Paulo, porém transferiu-se no último ano para a Faculdade de Direito do Recife, onde recebeu o grau de bacharel. Ainda no Império, iniciou-se na carreira política como deputado, transferindo-se em 1876 para Liverpool como Consul Geral do Brasil no Reino Unido e, depois, na Alemanha.

Recebeu o título de “Barão do Rio Branco”, concedido por Dom Pedro II no final do Império e o utilizou até o fim da sua vida. Assumiu o Ministério das Relações Exteriores, em 3 de dezembro de 1902 até sua morte, tendo ocupado o cargo ao longo do mandato de quatro presidentes da República.

Sua maior contribuição ao país foi a consolidação das fronteiras brasileiras, em especial por meio de processos de arbitramento ou de negociações bilaterais, dos quais se destacam três questões de fronteiras: no Amapá, em Palmas e no Acre, também eternizadas nessa medalha.

Em 1909, seu nome foi sugerido para a sucessão presidencial do ano seguinte, mas preferiu declinar de qualquer candidatura que não fosse de unanimidade nacional. Morreu em 10 de fevereiro de 1912, na cidade do Rio de Janeiro.

O Barão do Rio Branco é o patrono da diplomacia brasileira e uma das figuras mais importantes da história do Brasil.

Dados Técnicos da Medalha:

Material: Bronze
Diâmetro: 98 mm
Peso:403 gramas.
Gravador: Louis-Alexandre Bottée (Paris)
Referência Catalográfica: ***1910.A01B*** *(Livro das Medalhas do Brasil - 1ª.edição - Claudio Amato)*

(*) Claudio Amato
E-mail: camato@claudioamato.com.br

LER MAIS

Para este número, selecionamos os seguintes títulos encontrados na Biblioteca da AFSC e à disposição dos associados:

1. “GOLD RUSH”, livro editado por ARLIN SIEBER, com a colaboração de Mitchel Battino, em 2007. Em inglês. Manual explicativo para a aquisição de moedas de ouro, como conservar, valores de algumas peças clássicas, modernas e comemorativas, além da cunhagem de moedas antigas até nossos dias.

2. “FUNDAMENTALS OF PHILATELY”, livro de L. N. WILLIAMS, reeditado em 2008 (edição original de 1990). Revisada, obra fundamental, em inglês, com 862 páginas. Publicado pela APS - American Philatelic Society.

3. “Venezuela - Catálogo Especializado de Estampillas 2009”, de Aurelio Blanco Q. - Caracas. Em espanhol. Cotações de selos desde 1859 (Escudo de Venezuela, primeira emissão) até 2009. Inclui pré-filatélicos desde 1790.

4. “HISTORIAS con HISTORIA - Crónicas Entretenidas”. Livro de crônicas filatélicas, de autoria de Manuel Mariño R. - Valparaíso, CHILE. Em espanhol, editado em 2013. Fartamente ilustrado, leitura interessante.

Série de Moedas Comemorativas do 4º Centenário do Descobrimento do Brasil

Juliano Natal - Florianópolis, SC (*)

Dos mais de 500 anos do descobrimento do Brasil, a virada do século XIX teve seu momento ímpar: o país independente experimentava pela primeira vez a República como seu novo regime político oficializado em 15 de novembro de 1889. Contudo, as velhas condições do Brasil Imperial permaneciam: o analfabetismo ultrapassava o índice dos 70 %, a indústria representava somente 152.000 empregos, a maior parte dos bens de consumo era importada, a economia tinha como base a agricultura e a exportação do café. Todavia, no governo de Campos Sales (1898 a 1902), surge uma inédita conquista para a numismática brasileira. Inicia-se um novo propósito de cunhar moedas, desta vez, ricas em detalhes, alegorias e, não voltadas à circulação monetária, e sim, dedicadas à exaltação de momentos, personalidades e grandes feitos da nação.

Em 1900, surge a primeira série de moedas desse tipo que comemorava o 4º Centenário de Descobrimento do Brasil. São 4 moedas cunhadas pela Casa da Moeda do Brasil, em prata, nos valores de 400, 1.000, 2.000 e 4.000 Réis. Segundo Maldonato, a cunhagem dessa série, regulamentada pela Lei número 559 de 31 de dezembro de 1898, fez parte dos eventos programados pela Comissão Central do 4º Centenário do Descobrimento.

Com desenho artístico de Hilarião Teixeira e cunhos abertos por Francisco Teixeira, as moedas foram vendidas, na época, a colecionadores por valores superiores aos valores faciais. A moeda de 400 Réis era comercializada por 1.000 Réis, a de valor facial de 1.000 Réis era comercializada pelo seu dobro, a de 2.000 Réis era vendida por 5.000 Réis, enquanto a moeda de 4.000 Réis, maior moeda brasileira, com quase 51 mm de diâmetro, era vendida a 10.000 Réis.

Da esquerda para a direita, reversos das moedas de 400, 1.000, 2.000 e 4.000 Réis.

A partir dessa iniciativa, o Brasil já produziu mais de 30 séries de moedas comemorativas de considerável beleza e muitos detalhes, que exaltam datas importantes para a nossa história, personagens, engajamento em campanhas mundiais e temas relevantes, tais como Independência, meio ambiente, aniversários de cidades e instituições. Geralmente, essas moedas são acondicionadas em cápsulas hermeticamente fechadas, disponibilizadas em estojos ou cartelas especiais que acompanham a ficha técnica da moeda e informações pertinentes à temática destacada. Com o método de cunhagem sofisticado "Proof" nos metais ouro, prata, liga cupro-niquel, as belas moedas comemorativas podem ser consultadas no site do Banco Central (www.bcb.gov.br), adquiridas pelo site do Banco do Brasil (www.bb.com.br/moedas) ou com comerciantes especializados.

Recentemente, os aficionados pela temática dessas moedas, têm motivos de sobra para estarem satisfeitos com o surgimento de um grande número de moedas que lembram a Copa do Mundo no Brasil e os Jogos Olímpicos a serem realizados no Rio de Janeiro, em 2016.

Nas páginas seguintes, apresentamos as fichas técnicas das moedas comemorativas do 4º Centenário do Descobrimento do Brasil.

Referências

1. Amato, Cláudio; Neves, Irlei e Russo, Arnaldo. **Livro das Moedas do Brasil,** 13ª edição. Edição do Autor, São Paulo, 2014.
2. Cerezo, Miguel Castro. **Enciclopédia do estudante: História do Brasil das Origens ao Século XXI**, 1ª edição, Moderna, São Paulo, 2008.
3. Maldonado, Rodrigo. **Moedas Brasileiras: Catalogo Oficial**, 3ª edição. MBA Editores, 2014.
4. Gallas, Fernanda D. e Gallas, Alfredo O.G. **As Moedas Contam a História do Brasil,** Editora Magma Cultura, Rio de Janeiro, 2007.
5. Site: www.moedasdobrasil.com.br
6. Site: www.bcb.gov.br

(*) Juliano Natal
e-mail: juliano_natal@yahoo.com.br

400 Réis 1900   Ficha Técnica:

- Casa da Moeda: Rio de Janeiro;
- Letra Monetária: Sem letra monetária;
- Metal: Prata, 917%;
- Diâmetro: 22,80 mm;
- Espessura: 1,5 mm;
- Peso: 5,10 gramas;
- Borda: Serrilhada;
- Cunhagem: 55.000 unidades;
- Reverso: 4º Centenário do Descobrimento do Brasil, 400 Réis dentro do anel de folhas com as datas 1500 e 1900;
- Anverso: Legenda República dos Estados Unidos do Brasil, estrela e círculo central contendo Cruz da Ordem de Cristo ladeada por 4 estrelas e a inscrição latina In Hoc Signo Vinces (frase do imperador romano Constantino sobre a cruz de Cristo), muito comum nas moedas da Colônia e do Império.

1.000 Réis 1900 Ficha Técnica:

- ❖ Casa da Moeda: Rio de Janeiro;
- ❖ Letra Monetária: Sem letra monetária;
- ❖ Metal: Prata, 917%;
- ❖ Diâmetro: 30,30 mm;
- ❖ Espessura: 2,0 mm;
- ❖ Peso: 12,75 gramas;
- ❖ Borda: Serrilhada;
- ❖ Cunhagem: 33.000 unidades;
- ❖ Reverso: 4º Centenário do Descobrimento do Brasil, 1.000 Réis dentro do anel de folhas com as datas 1500 e 1900;
- ❖ Anverso: Legenda República dos Estados Unidos do Brasil, estrela e círculo central contendo cabeça de mulher representando alegoria da República, faixa com a palavra Libertas, elementos que simbolizam o progresso da época: navio à esquerda da alegoria da República e, à direita a locomotiva a vapor e arado manual abaixo.

2.000 Réis 1900   Ficha Técnica:

- ❖ Casa da Moeda: Rio de Janeiro;
- ❖ Letra Monetária: Sem letra monetária;
- ❖ Metal: Prata, 917%;
- ❖ Diâmetro: 37,00 mm;
- ❖ Espessura: 2,6 mm;
- ❖ Peso: 25,50 gramas;
- ❖ Borda: Serrilhada;
- ❖ Cunhagem: 20.079 unidades;
- ❖ Reverso: 4º Centenário do Descobrimento do Brasil, 2.000 Réis dentro do anel de folhas com as datas 1500 e 1900;
- ❖ Anverso: Legenda República dos Estados Unidos do Brasil, estrela e círculo central contendo Caravela de Pedro Alvares Cabral ao mar ostentando nas velas a Cruz da Ordem de Cristo, cinco estrelas da constelação Cruzeiro do Sul, esta adotada como um dos símbolos da República.

4.000 Réis 1900 Ficha Técnica:

- Casa da Moeda: Rio de Janeiro;
- Letra Monetária: Sem letra monetária;
- Metal: Prata, 917%;
- Diâmetro: 50,60 mm;
- Espessura: 3,0 mm;
- Peso: 51,00 gramas;
- Borda: Serrilhada;
- Cunhagem: 6.850 unidades;
- Reverso: Legenda República dos Estados Unidos do Brasil, quatro estrelas, círculo central com o valor de 4.000 Réis acima, seguidos abaixo pelos escudos de Portugal à esquerda e o da República do Brasil, à direita. Abaixo dos escudos, são postas duas faixas com as respectivas datas de 1500 e 1900. A alegoria central é completada com uma estrela que dispersa raios;
- Anverso: Legenda 4º Centenário do Descobrimento do Brasil, data de 1900 entre duas estrelas, círculo central contendo a figura da estátua de Cabral idealizada por Rodolfo Bernardelli inaugurada na época, sustentando na mão esquerda a bandeira, na mão direta segura o barrete frígio (espécie de touca ou carapuça) que tem abaixo raios que dissipam de uma estrela. Aos pés da figura, apresenta a faixa com a inscrição Pedr´Alvares Cabral.

No anverso da moeda de 4.000 Réis, existe uma variante que difere a quantidade de raios dissipados da estrela. Podem ser encontradas moedas com 16 (representada neste boletim) ou 20 raios, esta última a mais escassa.

Um outro ponto importante a que o colecionador deve estar atento é a existência de falsificações da moeda de 4.000 Réis. Em uma delas, um dos raios, que parte da estrela, alcança a inscrição Pedr´Alvares Cabral.

Reuniões regulares da AFSC
Quintas-feiras, a partir das 18 horas
Sábados, a partir das 14:30 horas

PARTICIPE!

Se você ainda não é associado da AFSC, venha fazer parte de nossa Associação:
Procure um de nossos diretores.
ou preencha a ficha de associação em:

www.afsc.org.br

AVBN

ASSOCIAÇÃO VIRTUAL BRASILEIRA de NUMISMÁTICA

SOMOS UMA INSTITUIÇÃO SEM FINS LUCRATIVOS QUE VISA A INOVAÇÃO NA NUMISMÁTICA BRASILEIRA, EM NOSSO SITE OFICIAL TEMOS UM ESPAÇO RESERVADO PARA O LIVRE COMÉRCIO ENTRE OS ASSOCIADOS. E NÃO PARA POR AÍ! TEMOS UMA BIBLIOTECA ONLINE PARA O DESFRUTE DOS NOSSOS USUÁRIOS, ALÉM DE MUITOS OUTROS BENEFÍCIOS.

Faça parte do maior movimento numismático brasileiro na web!

Site: Avbn.net

Página no Facebook
https://www.facebook.com/avbnumis

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS - ECT
Diretoria Regional de Santa Catarina

Seção de Filatelia
Gabriel Alexandre Gandolfi da Silva – gabrielgd@correios.com.br
Amanda Ferreira Martins – amandafmartins@correios.com.br

Notícias, programação de Eventos Filatélicos,
Carimbos Comemorativos e Selos Personalizados

Rua Romeu José Vieira, 90 – bloco B – 7º Andar
Bairro: Nossa Senhora do Rosário – São José/SC
CEP 88110-906 – Telefone: (48) 3954-4032

Selos Comemorativos e Editais
Envelopes Comemorativos - Coleções Anuais

Em Florianópolis: Agência Central de Florianópolis
Praça XV de Novembro, 242
CEP 88010-970 – Telefone (48) 3229-4336

Em Blumenau: Agência Victor Konder – Rua São Paulo, 1.277
CEP 89012-971 – Telefone (47) 3340-6772

Em Joinville: Agência Joinville – Rua Princesa Isabel, 394
CEP 89201-970 – Telefone (47) 3433-1574

Praça “Jornalista Filatélico Teixeira da Rosa”

Luis Claudio Fritzen - Florianópolis, SC

São poucos os logradouros públicos brasileiros que recebem o de nome de colecionadores, menos ainda de filatelistas. Um deles é a Praça “Jornalista Filatélico Teixeira da Rosa”, no centro de Florianópolis.

João Teixeira da Rosa Júnior nasceu em Florianópolis, em 24 de julho de 1906. Foi proprietário de livraria e, depois, servidor público estadual, laborando no Tesouro de Santa Catarina, atual Secretaria da Fazenda.

Desde cedo começou a colecionar selos e a escrever. Sua primeira crônica, publicada no jornal “O ESTADO”, de Florianópolis (na época o periódico de maior circulação estadual), foi denominada de “*O Meu Bilhete*”, em 1958.

Teixeira da Rosa não demorou a ser convidado a manter uma coluna periódica, semanal, naquele mesmo jornal, editada aos domingos. E assim, por décadas, suas notas dominicais, tão ansiosamente esperadas, tornaram-se fonte de ensinamentos aos jovens neófitos e aos grandes filatelistas catarinenses. Teixeira da Rosa formou algumas gerações de colecionadores com seus amplos conhecimentos.

Em maio de 1972, foi um dos membros fundadores da FEFINUSC – Federação Filatélica e Numismática de Santa Catarina, sendo seu primeiro presidente.

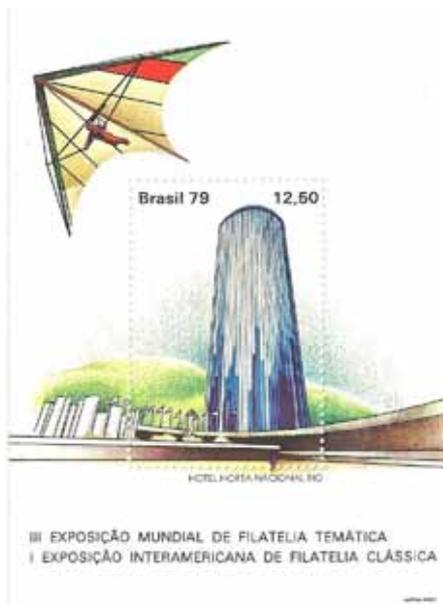
Ao mesmo tempo, incentivou a AFSC a relançar o “Santa Catarina Filatélica” - publicação editada durante as décadas de 40 e 50. Para tanto, mantinha constante colaboração, com a coluna “respigando”, em que narrava acontecimentos havidos no meio filatélico.

No início do ano de 1975, sofreu derrame cerebral, que o deixou hemiplégico. Continuava

a escrever. A partir de então, sua colaboração para com a AFSC dependia de visitas domiciliares, que fazíamos, geralmente, acompanhados de Wanderley de Paula Medeiros. Ele nos entregava suas notas para publicação, e mantínhamos longas e proveitosas conversas, sobretudo aquelas que tinham como assunto sua época de juventude, quando teve a oportunidade de trabalhar para a The Western Telegraph Co LTD, o famoso “cabo submarino”, como telegrafista.

Mesmo em cadeira de rodas, deslocou-se para o Rio de Janeiro, em 1979, onde participou, com sua coluna semanal, inscrita na classe de literatura, da Exposição Brasiliana.

Sua última coluna, ditada no leito do hospital, anunciava o lançamento de selos natalinos, cujos clichês reproduziu. Faleceu em 31 de outubro de 1983.

Foi homenageado com o lançamento de um carimbo comemorativo, em janeiro de 1985.

Através do Projeto de Lei n. 4.099, de autoria do vereador Adir Cardoso Gentil, a Câmara Municipal de Florianópolis aprovou a Lei n. 3.192, de 23 de maio de 1989, denominando o logradouro formado pela cobertura do antigo Rio da Bulha, sito na Avenida Hercílio Luz, em Florianópolis (figura 3), coincidentemente a poucos metros de sua antiga moradia, sita na rua Hermann Blumenau. Assim, com a praça com a nova denominação, Florianópolis rende homenagem perene a esse grande colecionador e jornalista filatélico.

D.O. 23.05.89

LEI Nº 3.192 - DENOMINA LOGRADOURO PÚBLICO. Faço saber a todos os habitantes do Município de Florianópolis, que a Câmara de Vereadores aprovou e eu sanciono a seguinte Lei, Art. 1º - Fica denominada Praça "JORNALISTA TEIXEIRA DA ROSA", o logradouro público situado à Avenida Hercílio Luz, entre as Ruas José Jacques e Emílio Blum, Centro, nesta Capital. Art. 2º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação. Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário. Paço Municipal, em Florianópolis, aos 16 de maio de 1989. ESPERIDIÃO AMIN HELOU FILHO - PREFEITO MUNICIPAL.

Gafes dos Correios do Golfo Pérsico

Hugo Nestor Ciavattini Pischedda - Palhoça, SC (*)

Gafes acontecem todos os dias nos Correios de todos os lugares do mundo. É à filatelia que nós nos referimos. Erros como troca de legendas, de informações e nomes científicos. Entre os correios que mais gafes cometem, estão os do Golfo Pérsico, mais precisamente, o do Irã e do Iraque.

O Iraque, no ano 1970, emitiu uma série de cinco selos com nomes de frutas. No projeto da impressão, ocorreu a troca dos nomes, em latim, das famílias e gêneros de frutas em dois dos selos da série.

A série, denominada Árvores Frutíferas**,** está assim apresentada, no catálogo Yvert-Tellier: Denteação: 14; Numeração: 593, Romãs - 3 fi; 594, Toranjas (Grapefruits) - 5 fi; 595, Uvas - 10 fi; 596, Laranjas - 15 fi; 597, Tâmaras - 35fi.

O 594, Toranjas, aparece como sendo da família Vitaceae, enquanto o 595, Uvas, aparece pertencente ao gênero Citrus. O correto é o inverso.

A falha não foi corrigida imediatamente. O Correio do Iraque levou dois anos para colocar, na série, um carimbo, em sentido vertical, com a palavra "OFICIAL" e um traço forte, na cor preta, cobrindo os dizeres incorretos.

Selos do Iraque com dizeres trocados (antes e depois da correção).

Outra gafe aconteceu em 2004, no Correio da República Islâmica do Irã. Em uma emissão conjunta com a República Bolivariana da Venezuela foram retratados, nos selos postais, uma montanha do Irã e um vulcão da Venezuela. O lançamento na Venezuela, em 16 de novembro de 2004, ocorreu em Caracas, em cerimônia oficial, inclusive com a presença do Presidente da República. Durante a solenidade, foram apresentados os selos, os carimbos, o envelope de Primeiro dia de Circulação e foi distribuído um número impreciso de selos da nova emissão aos convidados.

Onde estaria o problema? Um dos selos trazia impressos os dizeres “República Islâmica do Irã”, ao invés de “República Bolivariana da Venezuela”. O valor facial do selo estava em Bolívares, padrão monetário da Venezuela.

O Ipostel (Instituto Postal Telegráfico da Venezuela), órgão responsável pelas emissões de selos postais, só bem mais tarde - como no caso do Iraque -, se deu conta do erro. Por que? porque os selos foram impressos nas gráficas do Irã e, em Caracas, não foram revisados. Percebida a falha, a série saiu de venda e um longo período de espera aconteceu até que decidissem o que fazer com os selos. Uma das sugestões dadas foi simplesmente a reimpressão dos selos, outra foi a aplicação de um carimbo no selo em que ocorreu o erro.

A sugestão acolhida foi a da impressão, em preto, da frase: ”República Bolivariana de Venezuela”.

Quadra da emissão conjunta Irã - Venezuela, já com a correção.

Souvenir do primeiro dia de circulação com selos postais carimbados em 2006, com data de 2004.

Como aparecem esses erros nos catálogos?

No catálogo americano Scott, essa emissão conjunta é classificada como ocorrida no ano 2004, com o carimbo "Republica Bolivariana de Venezuela". Em complementação, o Scott informa a existência de alguns selos sem esse carimbo.

Na página 135 do catálogo especializado "Venezuela - Catálogo Especializado de Estampillas 2009", de Aurelio Blanco, consta que, em 2006, uma série de dois selos foi impressa. Num selo se observa a imagem policromada do Pico Bolivar da Venezuela e no outro, a Montanha Damavand do Irã. O valor facial de ambos os selos é de 1.700 Bolivares.

Na sequência (página 136), a emissão conjunta de selos entre a Venezuela e Irã aparece sem sobrecarga e como emitida em 2004.

2006.- IRÁN - VENEZUELA.- Impresas en parejas una con el resello de República Bolivariana de Venezuela.- Resello hecho en Fuerte Tiuna.- Perforación 13.-

Nº CATÁLOGO	FACIAL	COLOR	EMISIÓN	NUEVO	USADO
3846	1.700,00 bs.	POLICROMADO (Pico Bolivar)	970.000	5.00	4.00
3847	1.700,00 bs.	POLICROMADO (Montaña Damavand Mountian Damavand)	970.000	5.00	4.00
		La serie completa (2 valores)		10.00	8.00

Legalizada: *17 de Octubre de 2006.*

CATALOGO ESPECIALIZADO DE ESTAMPILLAS 135

2004.- IRAN - VENEZUELA.- Sin resello República de Venezuela.-

Nº CATÁLOGO	FACIAL	COLOR	EMISIÓN	NUEVO	USADO
3846 A	1.700,00 bs.	POLICROMADO (Pico Bolivar)	10,000	?	?
3847 A	1.700,00 bs.	POLICROMADO (Montaña Damavand Mountian Damavand)	10,000	?	?

Nota: *Existen muy pocas piezas con el resello invertido en la estampilla correspondiente al Pico Bolívar, y la norma fue que el resello estuviese en la montaña de Irán.*
(Dos piezas conocidas en tarjetas de primer día).

(*) Hugo Nestor Ciavattini Pischedda
E-mail: chedahugo@yahoo.com.br